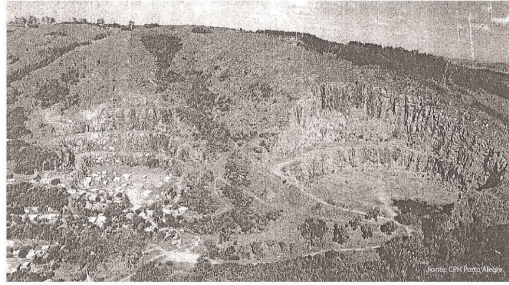


# PRESENÇA DA AUSÊNCIA

REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS



Fonte: G1 Meio Ambiente



Fonte: G1 Meio Ambiente



Fonte: Base de Dados

## CONTEXTUALIZAÇÃO GLOBAL

Apesar de considerado um tópico "em voga", a preservação da vida natural e o desenvolvimento sustentável estão em oposição à serem considerados hiperbólicos ou repetitivos. Dados disponibilizados pelo documentário "A life in our Planet", protagonizado e promovido pelo naturalista britânico David Attenborough, mostram a evolução desenfreada da destruição do ambiente natural de nosso planeta. Em 1937, ano em que a naturalista nasceu, a população mundial era de 2.3 bilhões de pessoas e o percentual de vida selvagem remanescente no planeta era de 66%. Passados 86 anos, em 2020, com 7,8 bilhões de pessoas, ultrapassamos em muito a barreira dos 50% de destruição, e nosso planeta conta com apenas 35% da vida selvagem remanescente.

Desde a promulgação da Constituição de 1988 e o abrigo à Conferência Eco-92, o Brasil entrou para o contexto mundial de potenciais agentes para frear os impactos ambientais causados pelo homem e promover o desenvolvimento sustentável. Tanto por seu extenso território, quanto por abrigar importantes biomas como a Floresta Amazônica, e ter um rico patrimônio cultural de povos originários. No entanto, apesar de potencial, o país apresenta diariamente notícias impactantes que reverberam a falta de ações efetivas para a preservação do ambiente natural e da cultura indígena.

Os povos originários, em especial, protagonizam, junto do ambiente natural, o papel de vítima nas principais manchetes de destruição. A exemplos recentes, tem a situação do garimpo ilegal que trava guerra contra os povos Yanomamis, e provocou a contaminação de rios e por consequência de indígenas com mercúrio. A disputa sangrenta entre setor agropecuario e povos indígenas, que com os artificios de capangas armados, da grilagem, da corrupção e do apoio de políticos, certificam fazendas dentro de áreas indígenas e encolhem cada vez mais os territórios indígenas.

Muito recentemente, no dia 30 de junho de 2023, a Câmara dos Deputados - do país que sediará a COP 2025 - aprovou o projeto de lei do Marco Temporal, extremamente criticado por sua inconstitucionalidade e privilégio tendencioso aos grandes proprietários de terras do setor da agronegócio. Protestos foram combatidos com violência e restringidos. Felizmente, mais tarde, o STF não aprovou o projeto.

Os mais de 40 povos indígenas do Brasil tem como principal foco de suas culturas a conexão e preservação do ambiente natural, o manejo respeitoso e a vida em harmonia com a natureza. Assim, não frear as ameaças à estes povos e não continuar a abordar esse tópico coloca em risco a preservação da cultura viva dos povos originários e a riqueza natural de nosso país - do mundo.

**Garimpo aumentou 76% em terras indígenas entre 2016 e 2022, aponta Inpe**

Fonte: G1 Meio Ambiente

**Tragédia em solo Yanomami: Mercúrio contamina a natureza por tempo indeterminado**

Fonte: Rede Brasil Atual

**Rios na Terra Yanomami têm 8600% de contaminação por mercúrio, revela laudo da PF**

Fonte: G1 Notícias

## CONTEXTO PORTO ALEGRE

Porto Alegre, na busca por atração de turismo e desenvolvimento econômico, está passando por sucessivas propostas de comercialização banalizada da paisagem. Sem reconhecer contexto, história ou quaisquer outros aspectos relevantes da cidade, esta recebe descalçadas propostas constantes de intervenções que se dizem promotoras de desenvolvimento. Num futuro breve, nossa cidade corre o risco de se tornar um mar de grandes letreiros neons de incorporadoras, de ter seu nome estampado em muros em cópia literal da cidade americana, com grandes rodas gigantes em parques de arquitetura pastiche que se diz reconhecedora de história. Alguns projetos já passaram do âmbito da especulação, e se encontram ora aprovados ou em processo de construção.

Porto Alegre, como muitas capitais brasileiras, tem sua paisagem e identidade marcadas por atos de grande impacto ambiental. A interface entre cidade e Lago, profundamente modificada pelos sucessivos aterros, são parte hoje da imagem da cidade, e geraram espaços como a zona administrativa e Parque Marinha. São danos irreversíveis, os quais sua reversão seria um ato falho de ainda maiores prejuízos ambientais e históricos.

Assim ocorre com a história da exploração extrativista agressiva, que perfurou a cidade em prol do desenvolvimento, deixando sucessivas pedreiras nos morros de Porto Alegre.

Uma das pedreiras que mais marca o skyline da cidade de quem se desloca no sentido leste, é a Pedreira do Morro Santana. Conhecida como Pedreira do Asmuz, seguida da Pedreira do Meio' ao seu lado, os dois grandes vazios no Morro Santana fazem parte hoje da história da cidade e da identidade local. Devem ser preservadas como lembrete dos danos irreparáveis que a exploração agressiva e ilegal humana provocaram e provocam no ambiente e na paisagem. Essas feridas, nas quais hoje o ambiente natural se encarregou de criar um ecossistema próprio, precisamos de preservação ambiental e cultural, sendo responsáveis por alertar e conscientizar a população residente, transeunte e visitante.

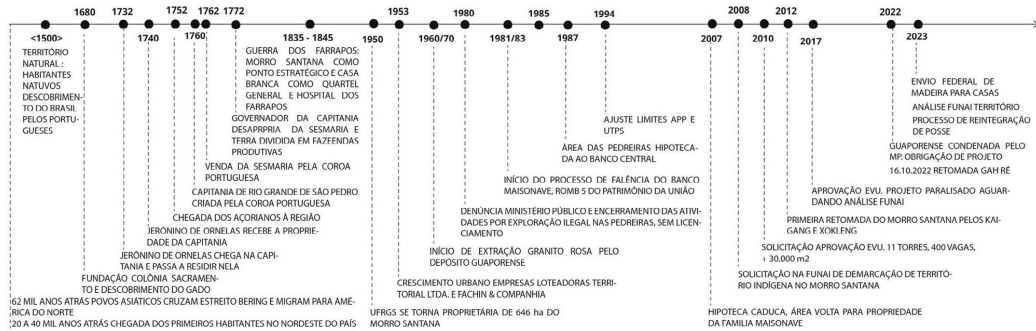
Neste mesmo local, kaingangs e xoklengs protagonizam a luta por preservação e demarcação de terras indígenas, em um importante momento nacional. Povos indígenas estes que são apenas dois, dos quatro principais grupos residentes da capital e do estado. Paralelamente à esta luta, muitos porto alegrenses não fazem ideia da resistência destes povos e existência de tribos na cidade. O que perpetua a sensação de que a cultura indígena é algo distante, apenas noticiado por telejornais na região amazônica.

Com estudos e pedidos iniciados desde 2008, a Retomada Multiétnica Kaingang e Xokleng do Morro Santana, luta pelo direito à terras ao pé da Pedreira do Asmuz. Zona que seria por direito de preservação ambiental e propriedade do estado, mas que é disputada em justiça para criação de novo empreendimento imobiliário por antiga dona - Maisonave - que teve sua dívida com o banco central prescrita.

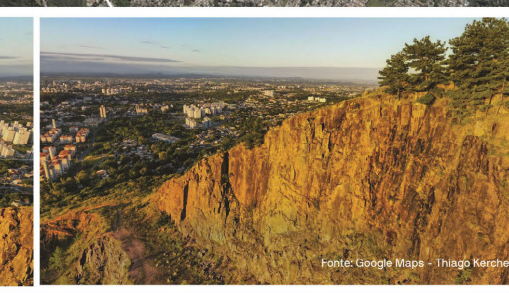
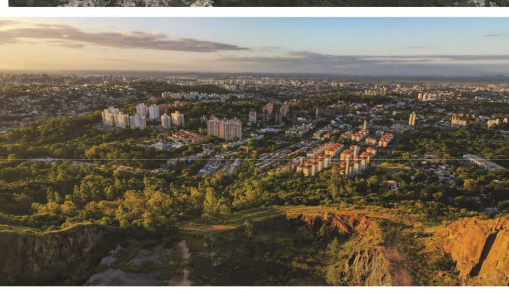
Este mesmo local, ainda é alvo de propostas para a mesma comercialização não reconhecedora de contexto, com ambições comercializáveis de restaurante panorâmico e tirolesa. Esta zona da cidade, marcada pelas pedreiras e pelo ecossistema exuberante, se encontra em risco de ser ainda mais modificada, invadida e ter sua ameaçada exuberância natural destruída.

No início de abril, três agentes da FUNAI estiveram em visita na área, onde fizeram entrevistas com a Cacica Gah Té e os membros da aldeia da Retomada Multiétnica. Esse é um importante passo inicial para a demarcação da área indígena.

"Pedreira do Meio", como moradores do entorno do Morro Santana se referem ao vazio provocado pela exploração extrativista localizada ao lado da Pedreira do Asmuz.



Morro Santana, Terra Kaingang e Xokleng. Das nascentes do Jacaré, que limita e abriga Porto Alegre, entre morro e rio. O ponto mais alto da cidade, foi sesmaria de Jerônimo de Ornelas, e de lá se deu nome a Viamão. Mais tarde, fazia Porto Alegre estremececer, para extrair a pedra rosada, exploração que deixou marcas, feridas abertas na cidade. Que hoje tentam cicatrizar, mas que amanhã podem ressignificar



Fonte: Google Maps - Thiago Kärcher





# PRESENÇA DA AUSÊNCIA

REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS

O Memorial das Pedreiras ocupa a última das três quadras destinadas para espaço público, mas que hoje se encontram abandonadas. O memorial funciona como um espaço de história, denúncia e reflexão, proporcionando ao longo do percurso uma experiência sensorial, reflexiva e educativa.

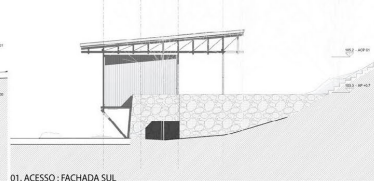
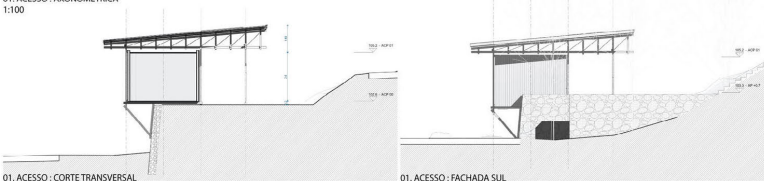
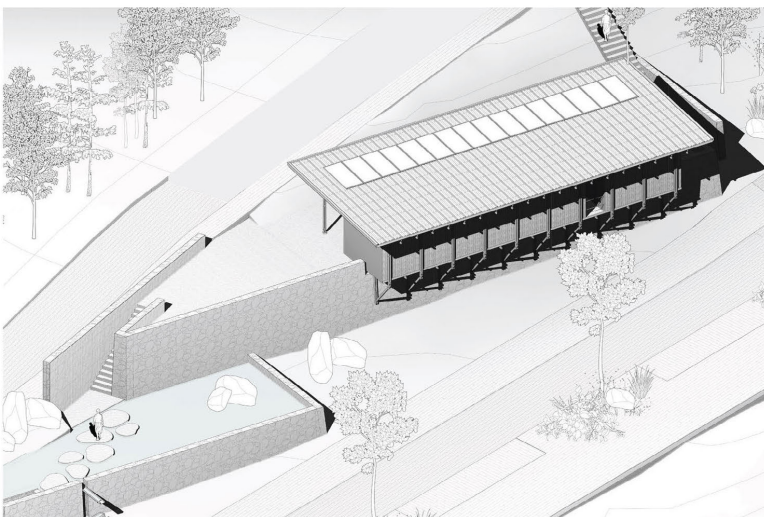
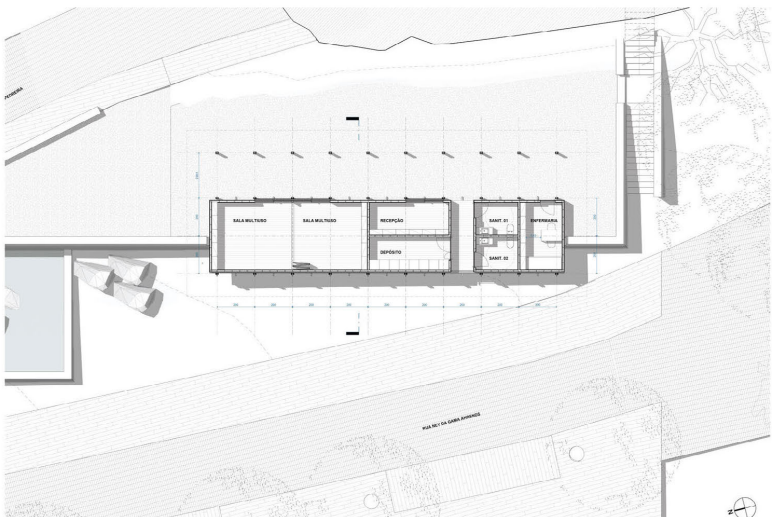
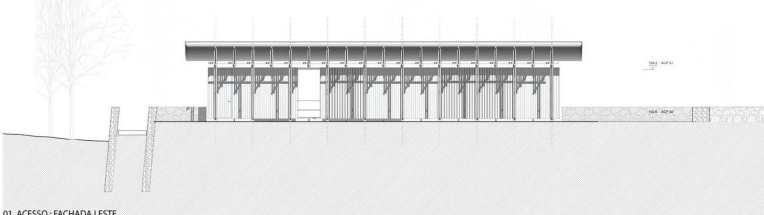
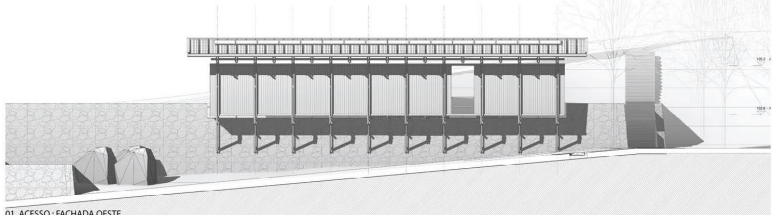
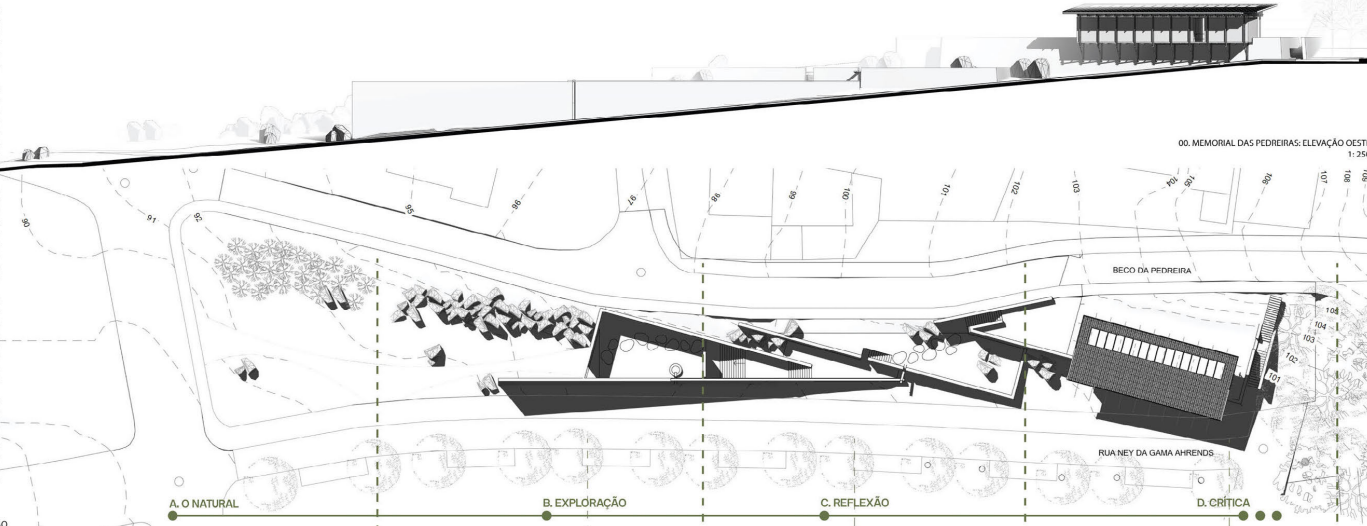
Após um percurso pelas duas primeiras praças com tratamento predominantemente natural, adentramos no segundo momento do memorial, o momento da exploração. Nele o usuário tem a percepção de grande maciços e afloramentos rochosos de granito rosa encontrados no Parque, simbolizando a presença da matéria extraída.

Na sequência, entra no momento da ausência, que em um ambiente murado nos quatro lados, vazio, com sua percepção espacial potencializada por um espelho d'água, o usuário tem a possibilidade de experimentar o vazio. Para materializar a ausência no campo da arquitetura, foi projetada uma pirâmida, com gotejamento contínuo e proveniente do espelho d'água de nível superior, para causar o eco.

Na sequência se sobem escadas, chegando em um local de menos escala para introspecção com exposições permanentes educativas sobre a exploração mineirista e extrativista ilegal que ocorreu no morro. Após mais um lance de escadas, se ascende para o momento da reflexão, sobre a experiência e aprendizados, visando um futuro melhor, ao envolver a reflexão da pedreira e do ambiente natural.

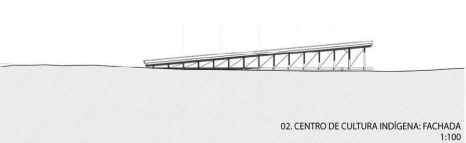
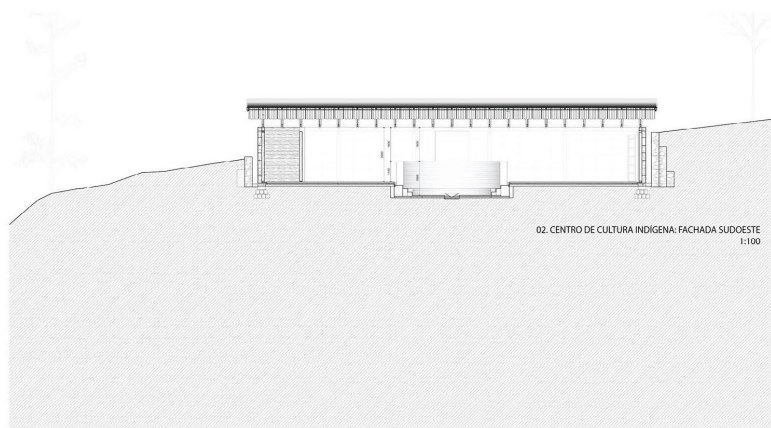
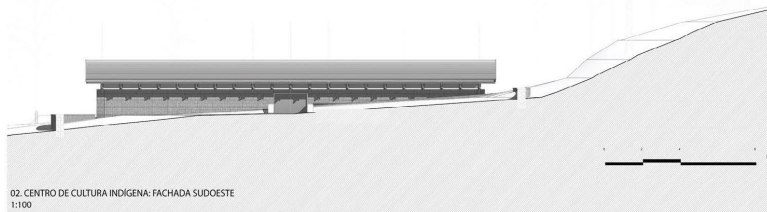
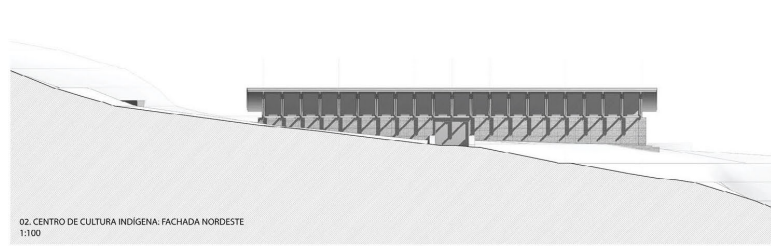
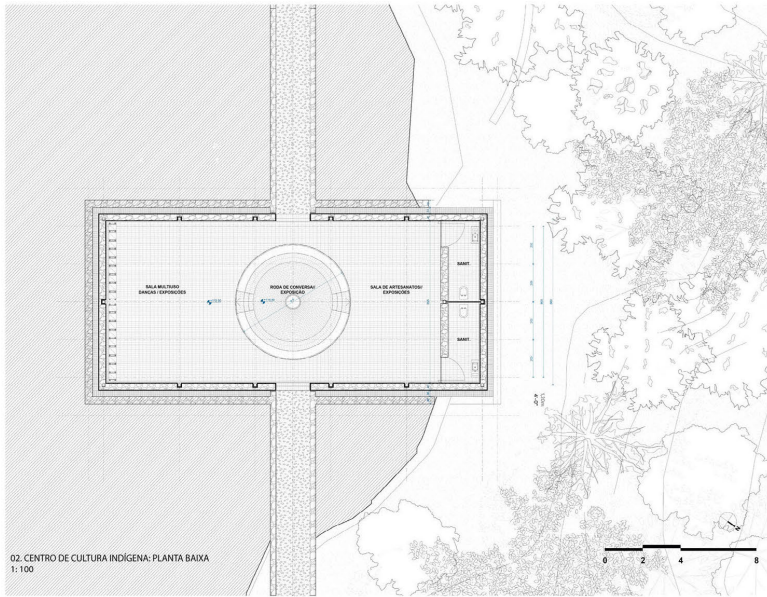
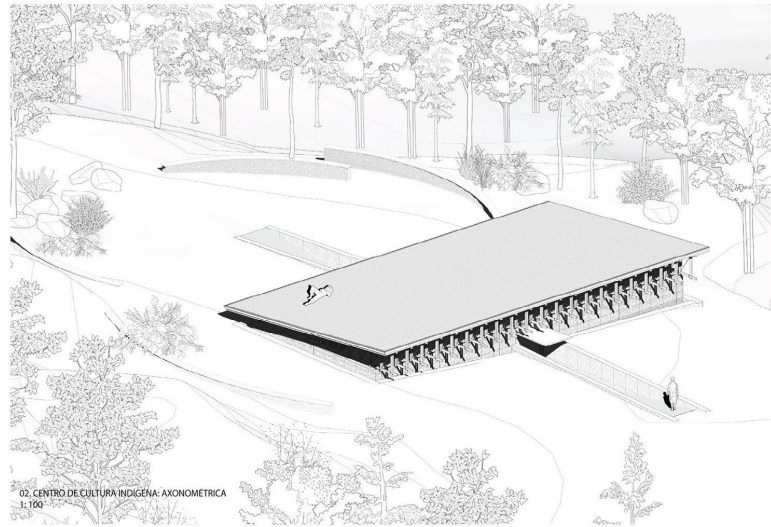
Por fim o percurso termina na edificação de apoio do parque, com a crítica, na qual se poderá visitar exposições temporárias sobre a história do local e da comunidade. Bem como participar de workshops ou apenas se preparar para uma trilha no Parque, neste ponto de encontro onde moradores, chamados de condutores locais, promovem o ecoturismo e participam de uma rede de geração de renda.

00. MEMORIAL DAS PEDREIRAS: IMPLANTAÇÃO 1:250



# PRESENÇA DA AUSÊNCIA

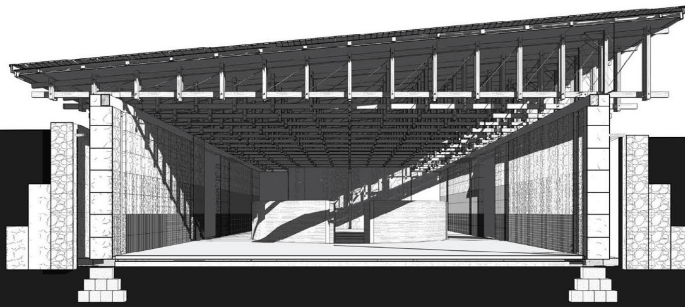
REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS



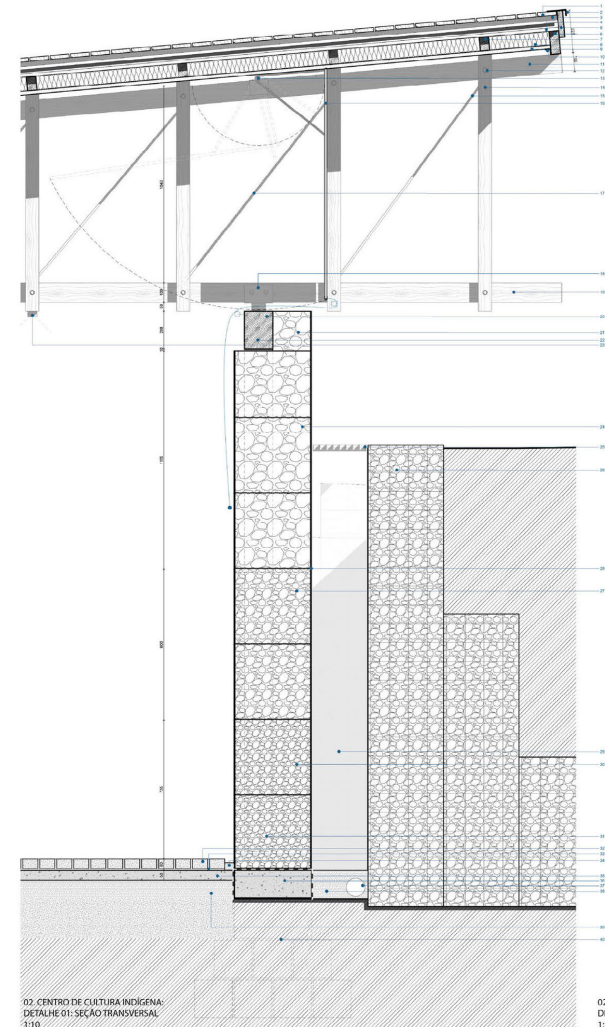
# PRESEÇA DA AUSÊNCIA

REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS

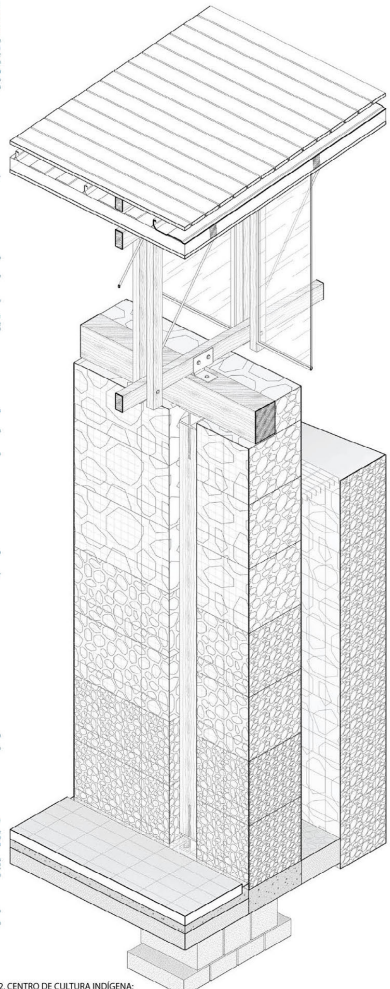
MUSEU PAISAGEM | 02. CENTRO DE CULTURA INDÍGENA  
03. DISPOSITIVO ARQUEOLÓGICO



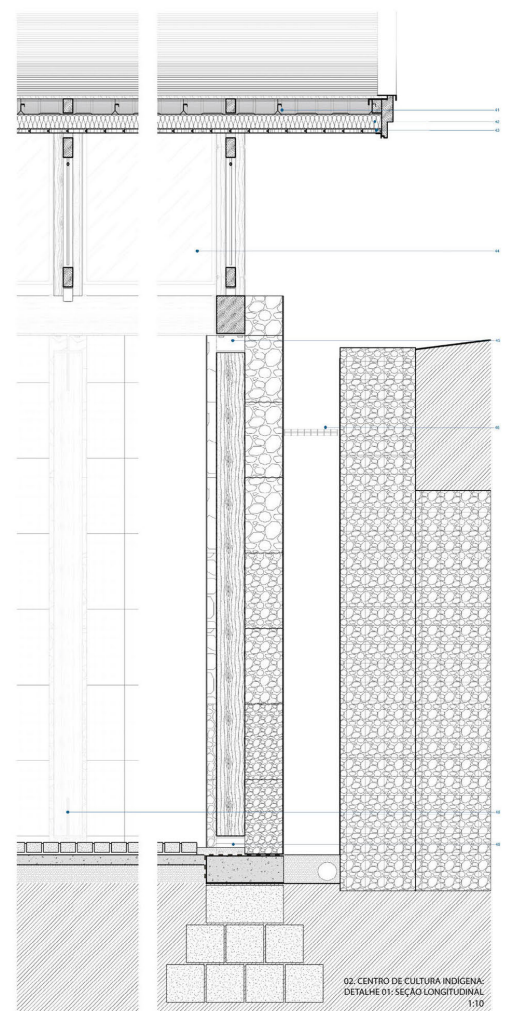
02. CENTRO DE CULTURA INDÍGENA: CORTE TRANSVERSAL PERSPECTIVADO



02. CENTRO DE CULTURA INDÍGENA: DETALHE 01- SEÇÃO TRANSVERSAL 1:310



02. CENTRO DE CULTURA INDÍGENA: DETALHE 01- CORTE AXONOMETRICO 1:10



02. CENTRO DE CULTURA INDÍGENA: DETALHE 01- SEÇÃO LONGITUDINAL 1:10

1. deque de madeira maciça pinus eliottii, com tratamento de carbonização "shou sugi ban" e acabamento em óleo de linhaça, perfil 100x20mm; 2. alçargoz em perfil de aço galvanizado com pintura eletrolítica preta; 3. calhoro (para fração do deque) de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil 50x70mm, fixada com parafuso tefelheiro nas terças; 4. telha zipada de zinco, acabamento natural; 5. perfil de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, para acabamento da cobertura, dimensões 30x110mm; 6. terço final de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil 5x13cm; 7. terço de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil 5x7; 8. isolamento térmico e acústico em lâ de pet, e=70mm; 9. forro de madeira maciça pinus eliottii com tratamento de carbonização "shou sugi ban" e acabamento em óleo de linhaça, encaixe tipo macho-fêmea, perfil 100x20mm; 10. cantoneira em aço com pintura eletrolítica preta, para acabamento do forro de madeira; 11. perna da tesoura de estrutura da cobertura, de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil 50x100mm; 12. parafuso sextavado em aço inoxidável, fixado em rebaixo da madeira de 8mm; 13. fixação da esquadria basculante, em aço com pintura eletrolítica preta;

14. tirante duplo da tesoura de estrutura da cobertura, de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 50x100mm; 15. tirante da diagonal da tesoura de estrutura da cobertura, metálico em aço com pintura eletrolítica preta, perfil circular Ø10mm; 16. esquadria basculante, com montantes em aço com pintura eletrolítica preta e vidro temperado e=8mm; 17. ângulo de reposição/equlíbrio da janela basculante aberta; 18. conexão estrutura entre tesoura e viga de madeira, em aço, com acabamento em pintura eletrolítica preta, na tesoura fixada por parafusos sextavados em aço inoxidável e porca, e na viga fixado por parafusos sextavados autotarraxantes; 19. linha da tesoura de estruturação da cobertura, em madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 50x100mm; 20. viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 150x150mm; 21. parede de gabião, de pedras de mão de granito rosa, granulometria grande (150 a 200mm);

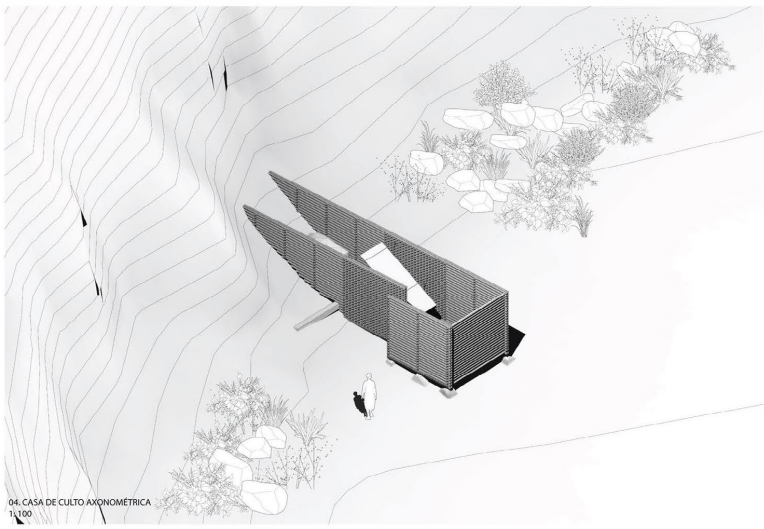
22. painel de cortiça para apoio da viga de madeira no gabião, e=10mm; 23. luminária spot, com acabamento em pintura preta, fixada entre tirantes da tesoura; 24. tela galvanizada espaçamento 35x35mm; 25. grade eletrofundida para fechamento da galeria de coleta pluvial; 26. galeria de coleta pluvial de 30cm de largura, com paredes duplas de gabião de granito rosa; 27. parede de gabião, de pedras de mão de granito rosa, granulometria média; 28. pedra britada numeração 1; 29. pedra britada numeração 3; 30. parede de gabião, de pedras britada numeração 4, de granito rosa. (de tanto a tanto); 31. projeção pilar em madeira pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil 100x150mm; 32. piso em tijolo maciço detizado argamassado, dimensões 5,3x9x19; 33. argamassa de assentamento tijolos; 34. pedra britada granito rosa numeração 0; 35. contrapiso de concreto armado, com armadura em malha; 36. viga faixa de concreto armado, para assentamento do muro de gabião; 37. pedra britada de numeração 3 para drenagem; 38. membrana de impermeabilização da viga faixa; 39. tubulação drenagem; 40. blocos de fundação em pedras de granito; 41. tela metálica zipada com acabamento natural, isolamento em lâ de pet; 42. forro em lamelas, com encaixe macho-fêmea, de madeira maciça de pinus eliottii com acabamento carbonizado e com óleo de linhaça; 44. janela basculante com eixo de rotação deslocado e design que facilita a saída de fumaça do fogo de chão e contribuindo para ventilação natural; 45. conexão metálica entre pilar e vigas de madeira com acabamento preto.



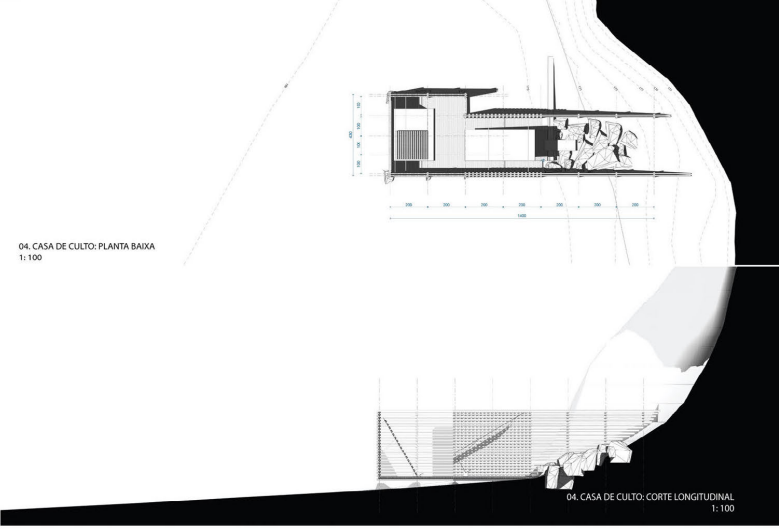
# PRESENÇA DA AUSÊNCIA

REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS

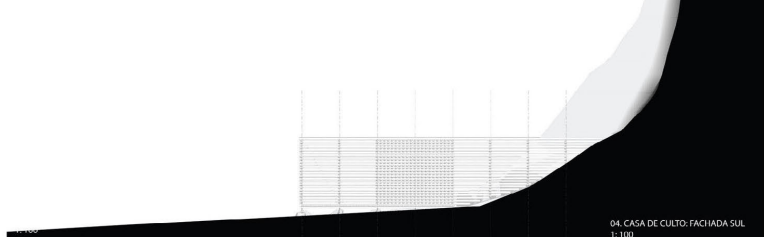
MUSEU PAISAGEM 04. CASA DE CULTO



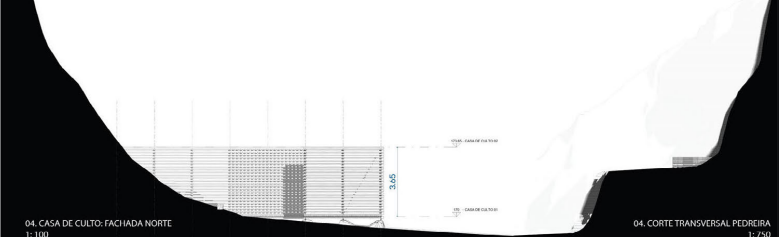
04. CASA DE CULTO AXONOMETRICA  
1:100



04. CASA DE CULTO: PLANTA BAIXA  
1:100



04. CASA DE CULTO: FACHADA SUL  
1:100

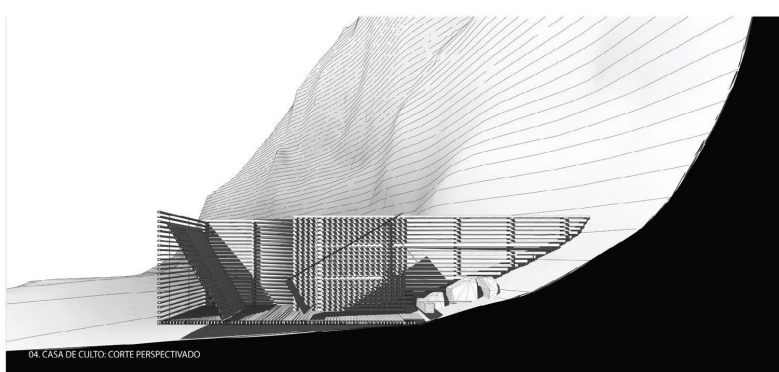


04. CASA DE CULTO: FACHADA NORTE  
1:100

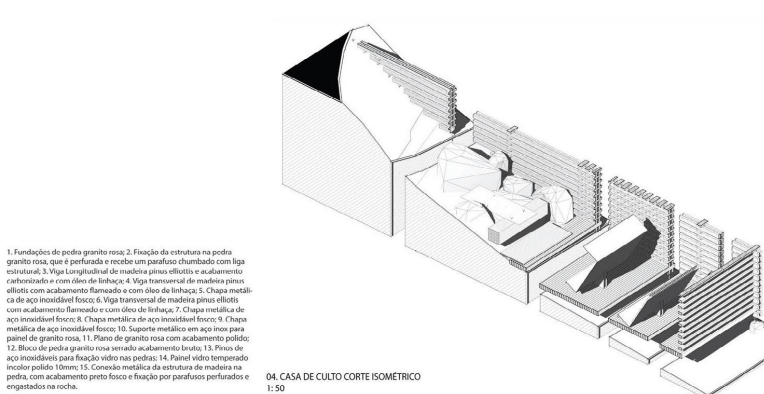
04. CORTE TRANSVERSAL PEDREIRA  
1:750



04. CASA DE CULTO: PERSPECTIVA GERAL DA PEDREIRA - ESCALA DA INTERVENÇÃO

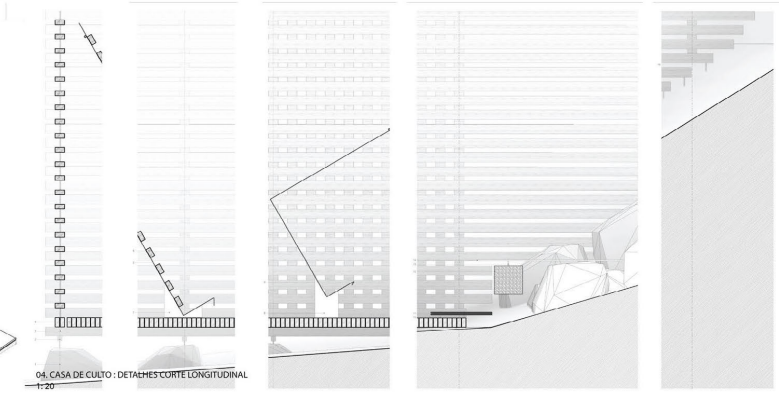


04. CASA DE CULTO: CORTE PERSPECTIVADO



1. Fundação de pedra granito rosa; 2. Fixação da estrutura na pedra granito rosa, que é perfurada e recebe um parafuso chumbado com liga estrutural; 3. Viga Longitudinal de madeira pinus elliptica e acabamento carbonizado e com óleo de linhaça; 4. Viga transversal de madeira pinus elliptica com acabamento flameado e com óleo de linhaça; 5. Chapa metálica de aço inoxidável fosco; 6. Viga transversal de madeira pinus elliptica com acabamento flameado e com óleo de linhaça; 7. Chapa metálica de aço inoxidável fosco; 8. Chapa metálica de aço inoxidável fosco; 9. Chapa metálica de aço inoxidável fosco; 10. Suporte metálico em aço inox para painel de granito rosa; 11. Plano de granito rosa com acabamento polido; 12. Bloco de pedra granito rosa serrado acabamento lano; 13. Pinos de aço inoxidáveis para fixação vidro nas pedras; 14. Painel vidro temperado incolor polido 10mm; 15. Conexão metálica da estrutura de madeira na pedra, com acabamento preto fosco e fixação por parafusos perfurados e engastados na rocha.

04. CASA DE CULTO CORTE ISOMETRICO  
1:50

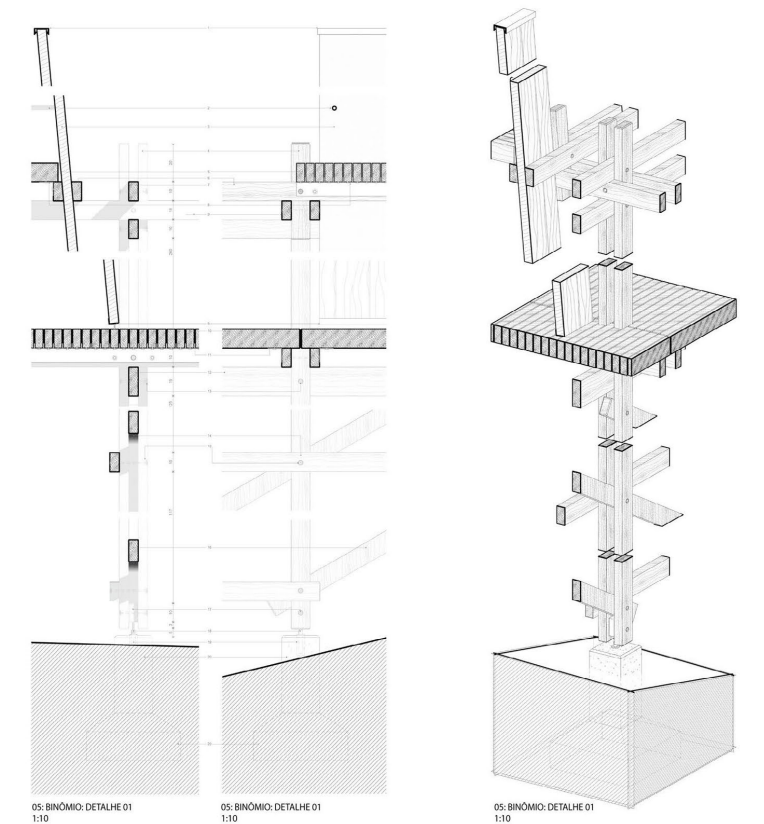
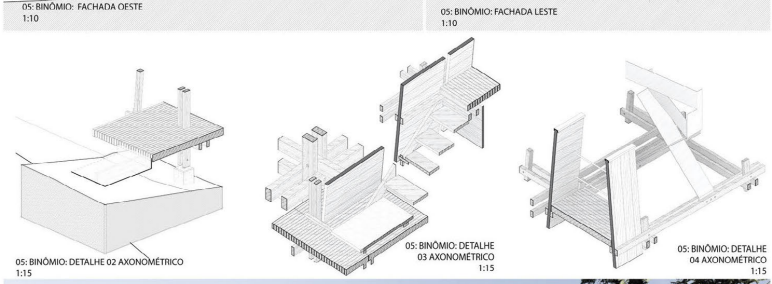
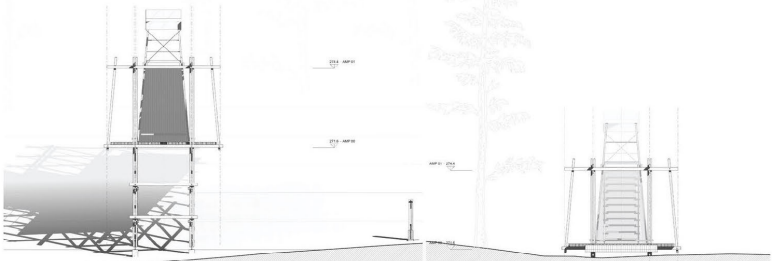
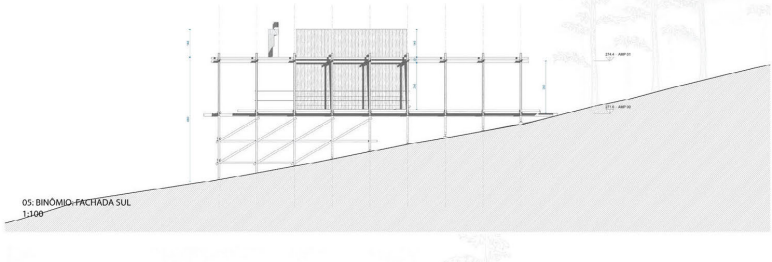
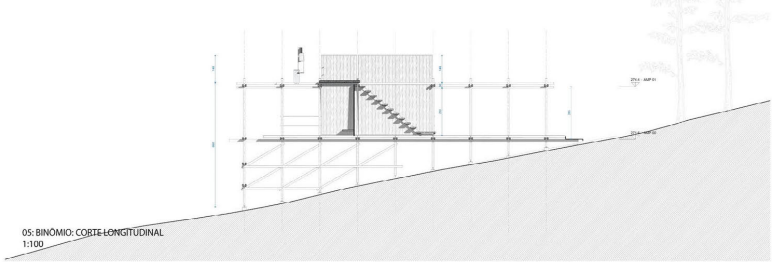
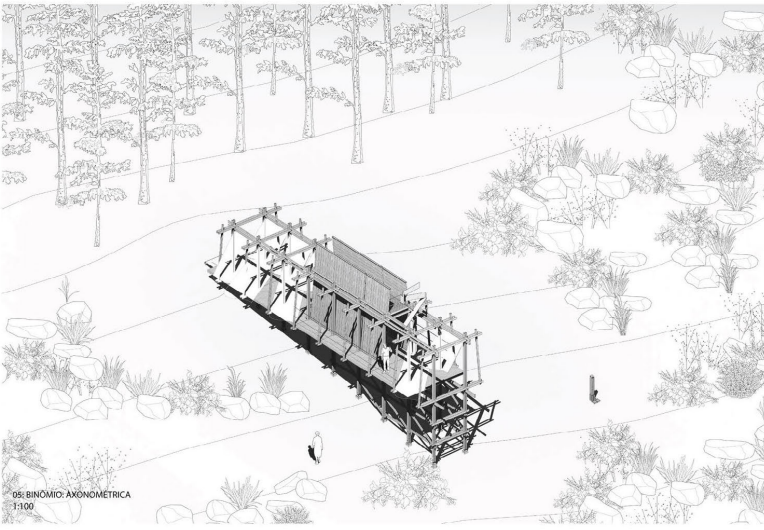
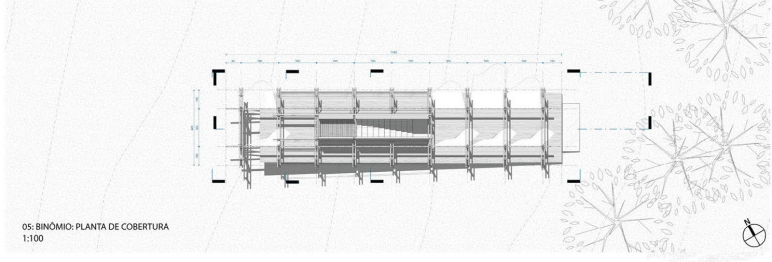
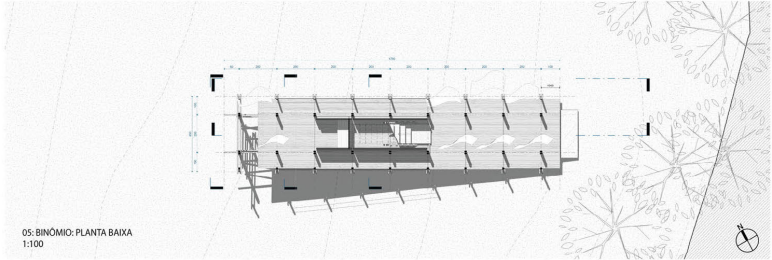


04. CASA DE CULTO: DETALHES CORTE LONGITUDINAL  
1:20

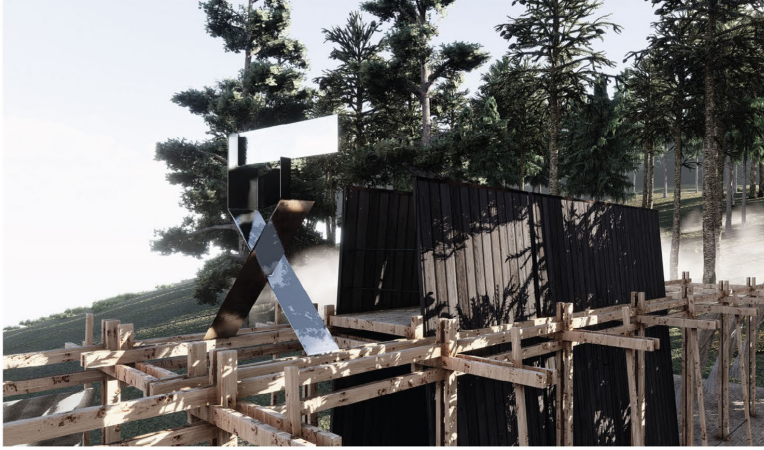


# PRESENÇA DA AUSÊNCIA

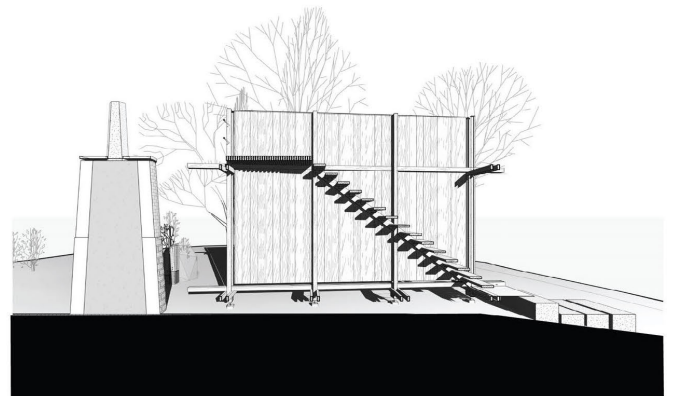
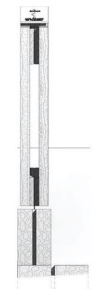
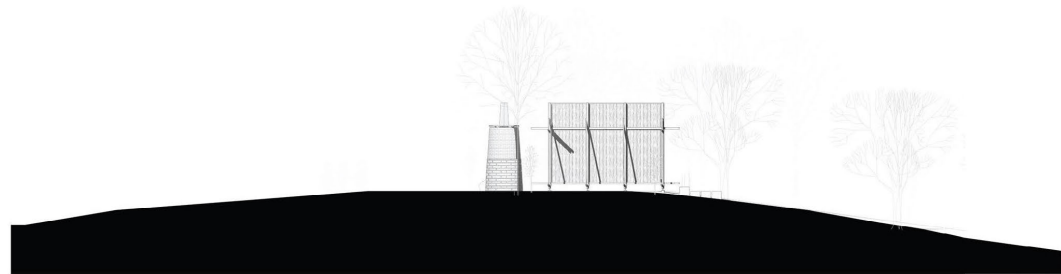
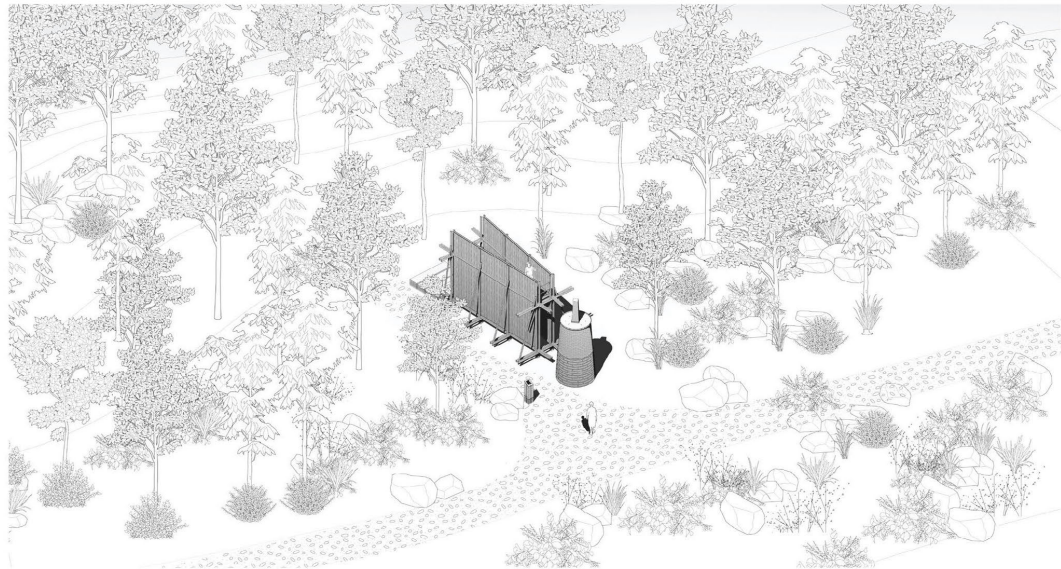
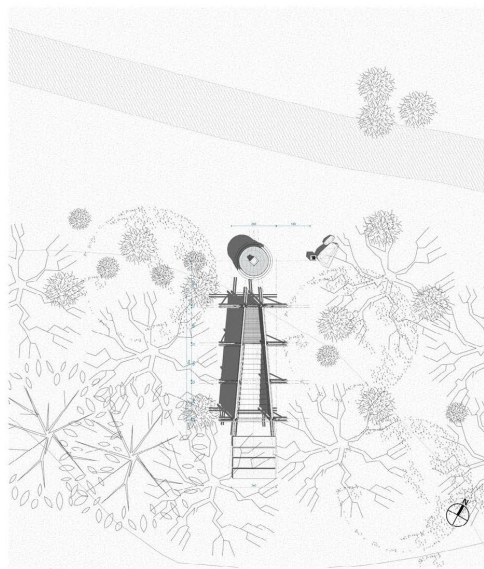
REQUALIFICAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL DO MORRO SANTANA E SUAS PEDREIRAS

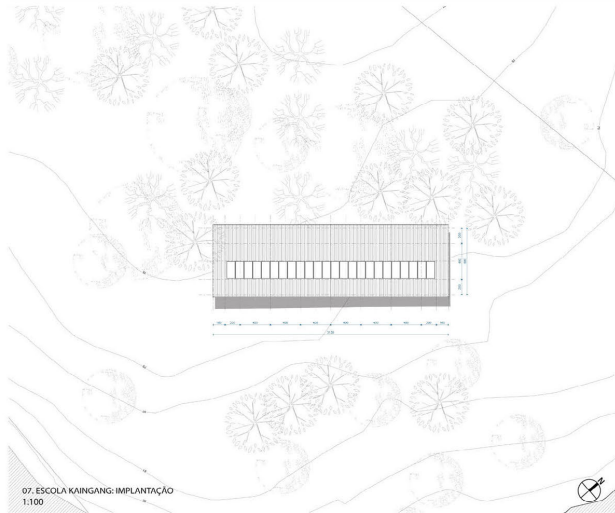


1. rufo metálico com acabamento em pintura eletrolítica; 2. guarda-corpo em tubo metálico com acabamento em pintura eletrolítica preta; 3. pilar duplo de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, cada perfil de 100x50mm; 4. deque em viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x50mm; 5. viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x150mm cortado com angulação de 5 graus; 6. viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x150mm; 7. viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x60mm; 8. sistema de fixação do deque, com cantoneiras metálicas aparafusadas na viga principal a cada 500mm e vigas encaixadas em espaçadores de 10mm e aparafusadas do lado inferior com parafuso sextavado autobrocante em aço inox e pintura preta; 9. sistema de fixação dos painéis de madeira carbonizada, com cantoneira metálica e parafusos em aço inox; 10. deque em viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x50mm; 11. sistema de fixação do deque, com cantoneiras metálicas aparafusadas na viga principal a cada 500mm e vigas encaixadas em espaçadores de 10mm e aparafusadas do lado inferior com parafuso sextavado autobrocante em aço inox e pintura preta; 12. viga de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 50x50mm; 13. parafuso sextavado em aço inox, fixado com negativo de 8mm na madeira, aruela e porca sextavada; 14. viga de travamento de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x50mm; 15. parafuso sextavado em aço inox, fixado com negativo de 8mm na madeira, aruela e porca sextavada; 16. viga de contravento de madeira maciça pinus eliottii com tratamento flameado e acabamento em óleo de linhaça, perfil de 100x50mm; 17. peça em aço carbono para suporte dos pilares duplos de madeira; 18. pino em aço carbono para fixação dos pilares duplos de madeira nos pilares de concreto; 19. suporte metálico chumbado nos pilares de concreto com receptor em rosca para o suporte em aço dos pilares; 20. pilares de concreto armado retangulares de 200x200mm e suposição de possível sapata isolada em concreto armado

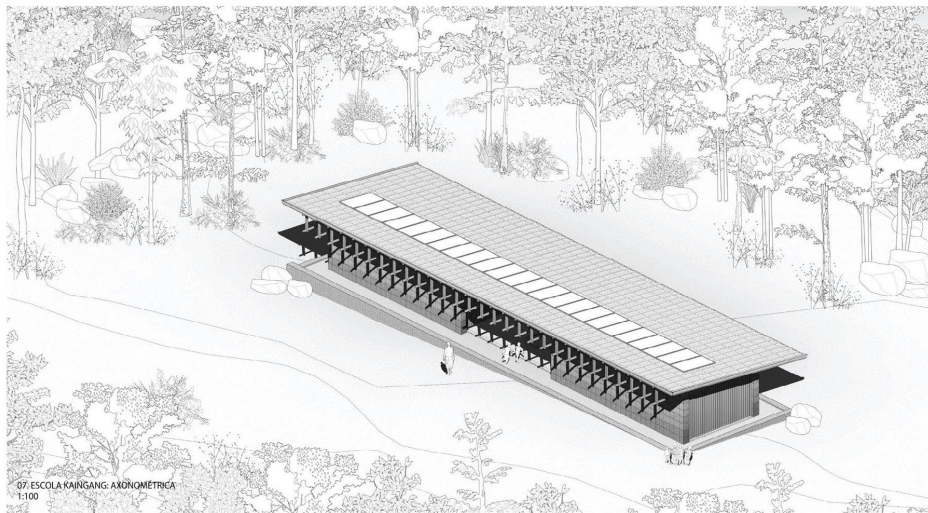




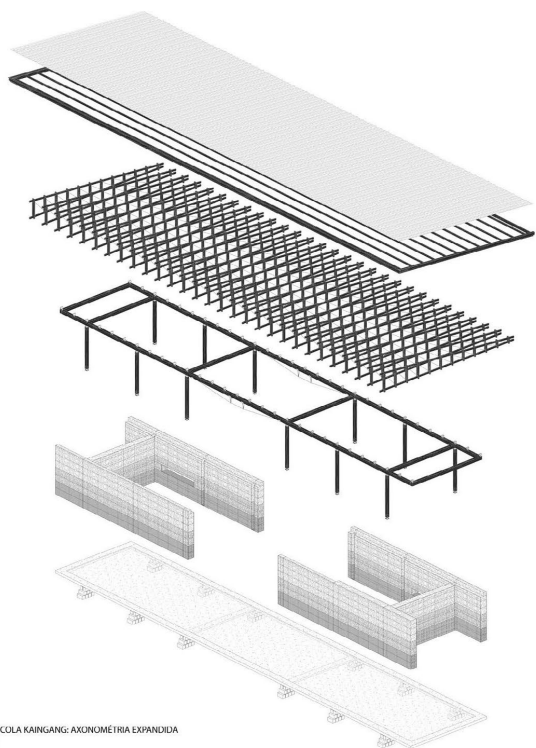




07. ESCOLA KAINGANG: IMPLANTAÇÃO  
1:100

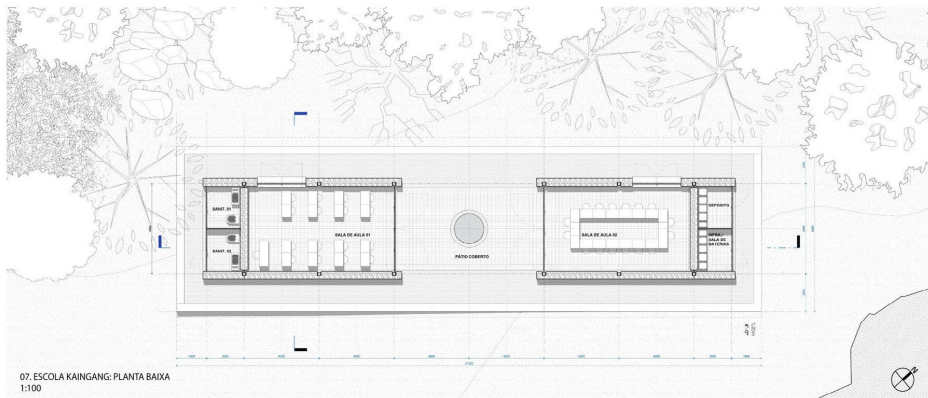


07. ESCOLA KAINGANG: AXONOMETRICA  
1:100

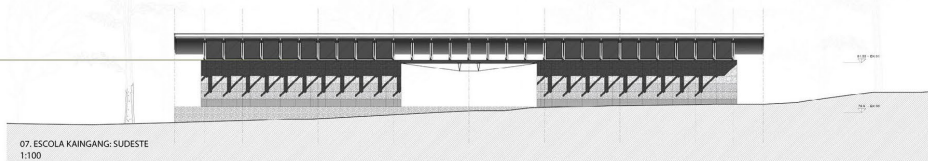


07. ESCOLA KAINGANG: AXONOMETRIA EXPANDIDA  
1:100

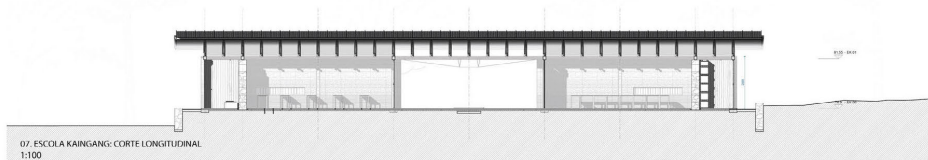
A axonométrica demonstra o sistema construtivo da edificação, composto por uma estrutura independente de madeira maciça de pinus eliottis, com conectores metálicos, que recebem paredes de gabião de granito rosa como vedação. O gabião por sua vez possui um degradê de granulometria de pedras, começando com a pedra britada e terminando na porção mais lisa com pedra de mão. Apoiada na estrutura independente de madeira com conectores metálicos com design sutil, são recebidas as treliças de madeira e tirantes metálicos que estruturam a cobertura. Por fim, o sistema é finalizado com terças, nas quais são fixados as lamelas em madeira carbonizada do forro e estando entre eles o isolamento térmico da cobertura, para então receber as telhas metálicas zipadas com acabamento natural.



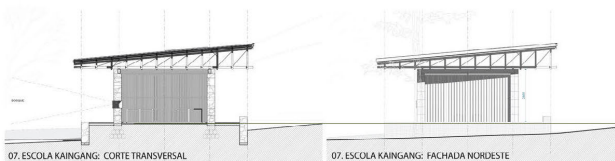
07. ESCOLA KAINGANG: PLANTA BAIXA  
1:100



07. ESCOLA KAINGANG: SUDESTE  
1:100

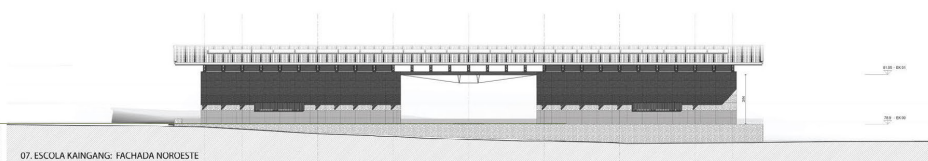


07. ESCOLA KAINGANG: CORTE LONGITUDINAL  
1:100



07. ESCOLA KAINGANG: CORTE TRANSVERSAL  
1:100

07. ESCOLA KAINGANG: FACHADA NORDESTE  
1:100



07. ESCOLA KAINGANG: FACHADA NOROESTE  
1:100

